

5 E se a maçã que ofereceram a Eva fosse verde, que (outras) espacialidades poderíamos ter?

*Antonio Carlos Castrogiovanni;
Bruno Nunes Batista*

Resumo

O objetivo deste ensaio é empreender uma cautelosa e preliminar análise sobre a pós-modernidade, que a coloca como sendo parte de uma mudança no Ocidente, embora com natureza e profundidade discutíveis, na forma de sentir as diferentes espacialidades que compõem a Geografia. Traz a importância das palavras que estão no lugar dos objetos e que muitas vezes servem para esconder seu verdadeiro sentido. Provoca a reflexão do quanto o estado da dúvida no ensino, encaminha para uma autoria necessária à existência dos sujeitos e a valorização da Ciência Geográfica e, inversamente, as verdades cristalizadas dificultam o movimento reflexivo em diferentes lógicas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Pós-modernidade. Poder. Complexidade.

Abstract

The purpose of this essay is to undertake a cautious and preliminary analysis of postmodernity, which places it as part of a change in the West - albeit with a debatable nature and depth - in the form of feeling the different spatialities that make up Geography. It brings the importance of words that are in the place of objects and often serve to hide the true meaning. It provokes the reflection of how much the state of the doubt in the teaching leads to a necessary authorship to the existence of the subjects and the valorization of the Geographic Science.

Keywords: Teaching Geography. Postmodernity. Power. Complexity.

Para início de conversa: entrar e sair da modernidade

Atualmente aquele pesquisador que se ocupa em dar conta de temáticas que estejam ligadas à contemporaneidade estará irremediavelmente sujeito a certos exercícios e esforços intelectuais condicionados pelas constantes incertezas. Não admira, que assim, seja dada a enorme complexidade que este mundo líquido nos relega diariamente, a necessidade da constante dúvida. Aqueles que pretensamente buscam entender as atuais dinâmicas, envolvem-se forçadamente na busca de reequilíbrios diante daquilo que não mais parece dar margem ao equilíbrio: eis a fluidez, a dinâmica, a incerteza contemporânea, que para nós é fator de complicação, e a construção de conhecimento. Eis aquilo que vem se consagrando como a pós-modernidade. Parece ser uma outra lógica para ler e entender o mundo e aí surge a dúvida: “Como seria o mundo se a maçã oferecida a Eva fosse verde?”.

As mudanças mundanas são perceptíveis, e implicam reconhecer que aquilo que muitos dos intelectuais têm pensado como pós-moderno, não é uma mera opção de análise intelectual da realidade. Parece não se tratar simplesmente de investigar o mundo por olhares pós-modernos. Trata-se de reconhecer os distintos processos nos campos sociais, econômicos, estéticos, políticos e culturais, que emergem de maneira multiforme na atualidade e estabelecem uma ética espacial. Sendo que não podemos nos esquecer, que toda ética é constituída por estéticas.

A primazia, com efeito, é dada aos sistemas de linguagem, pois são eles que determinam o que é considerado verdade, são elas que passam a não serem provisórias: “A maçã era vermelha?”.

Se falamos e pensamos sobre ensino de Geografia de um determinado jeito, isso se construiu pelos discursos hegemônicos que nos foram disponibilizados (BATISTA e CASTROGIOVANNI, 2018, p. 219). Assim, somos limitados pela linguagem subjacente, imposta exteriormente, cabendo-nos apenas reprisá-la a partir de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008): “A Eva mordeu a maçã? Mas ela era vermelha ou verde?”.

As palavras empregadas passam a respeitar regras de uso, estruturando-se formalmente através de desencadeamentos que as unem e conjuntos que as caracterizam; são elementos coordenados através de condições de coexistência, manutenção e modificação, que submetem objetos, conceitos e escolhas àquela dada repartição do discurso. Como resultado, é necessária a permissão para se referir a um dado discurso. Foucault (1996, p. 9) dizia que “[...] não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”.

Ao pensarmos o ensino de Geografia como uma formação discursiva, teríamos que, sob a perspectiva da arqueologia foucaultiana, partirmos do

pressuposto de que, nos seus sistemas de linguagem, leis são capitaneadas e coações exercidas, por intermédio de limites e fronteiras que controlam a disseminação dos discursos. É preciso criar o estado da dúvida, da incerteza, da (des)construção de lógicas construídas com a força de verdades substantivadas por palavras ditas, as donas da verdade. Então, se a maçã fosse verde, talvez a Eva acreditasse que estava azeda e não teria comido, ou não?

Apesar daquilo que parece nos saltar aos olhos quando da análise de processos no espaço-tempo da contemporaneidade, a pós-modernidade não se realiza nos meios acadêmicos sem uma boa dosagem (in)segura de polêmica. Dessa tal ansiedade brotou uma imbricação de análises que acabou por fertilizar o campo dos debates pós-modernos para uma sementeira de controvérsias. Dentre elas, as questões relacionadas à espacialidade e a temporalidade.

A pós-modernidade parece ser dotada daquela primazia da emoção sobre “a utopia racionalista em decadência”. É a razão sensível embasada na emotividade, na sensibilidade, no afeto e nos sentimentos em que o pós-moderno pode ser melhor entendido. Estamos ingressando em uma realidade dirigida pelo capitalismo tardio, e é este, quem acaba por produzir uma lógica cultural fundante da pós-modernidade alicerçada em uma nova maneira de sentir o mundo, que é produzida pelo consumismo e pelas novas tecnologias da era pós-industrial.

Entendemos, neste momento, que o pós-modernismo não se trata somente de uma teoria epistemológica ou estética, mas também de um fenómeno social. Outros autores, como Habermas, mostraram resistência com a ideia de que o projeto racionalista iluminista (da modernidade) tenha se esgotado. Bauman (1999), coloca que ainda está em voga a modernidade, porém modificada, mais fluída, líquida, é a posição que acompanhamos. Assumimos, desde já, que existe um novo projeto em curso, que se não sinaliza as certezas de um futuro, certamente corrói as garantias do presente dado pelo Iluminismo. É preciso duvidar: “No Paraíso não havia laranjas, só maçãs?”.

Eis que o objetivo deste ensaio é empreender uma cautelosa e preliminar análise sobre a pós-modernidade, que a coloca como sendo parte de uma mudança no Ocidente, embora com natureza e profundidade discutíveis, na forma de sentir o mundo. Mesmo enfatizando o certo caos da vida moderna e a impossibilidade de encará-lo pelo viés racionalista de tradição iluminista, parece não existir algo que impeça considerar o pós-modernismo como uma nova configuração. É sobre isso que iremos tratar. Nossa centralidade, por sua vez, se efetivará por intermédio dos deslocamentos sobre a espacialidade e a temporalidade, *caminhos* de grande operacionalidade para aqueles que tentam entender, ainda que provisoriamente, a contemporaneidade.

A pós-modernidade narrada pela Modernidade

Antes de nos debruçarmos sobre a pós-modernidade, precisamos compreender provisoriamente, o que é a Modernidade, cujas raízes mais remotas encontram-se no Renascentismo e nas revoluções galileiana e newtoniana. Essa Modernidade substanciou-se em projeto com a consolidação do Capitalismo em território, entendidos atualmente, como países capitalistas centrais ocidentais (mais o Japão), através das revoluções burguesas na Europa e nas Treze Colônias da América do Norte, bem como das revoluções industriais. A raiz do enxergar moderno, por sua vez, é encontrada no Iluminismo, que surge como forma de romper com a tradição e a cosmovisão de mundo escolástico-medieval, que delegava aos processos naturais, o caráter do mistério sobrenatural. O desenrolar deste mundo moderno traduziu-se na busca de métodos baseados na razão antropocêntrica e tecnocêntrica, objetiva e materialista, que redundou na secularização da sociedade e na laicização do ensino (SILVA, 2003). Tais métodos, na pretensão do encontro da verdade, devem estar à prova da experimentação e da verificação de sua afirmação ou negação, aceitas publicamente: a Eva comeu a maçã e pronto, não interessa a sua cor.

A Modernidade é uma maneira de olhar e perceber o mundo, e está intimamente relacionada àquelas ideologias comprometidas com um projeto, dotado de uma *episteme*, que lhe dá sustentação através da afirmação de uma visão racionalista de mundo, as chamadas metanarrativas. Esses discursos podem ser capazes, como sustentam os modernistas, de criar elementos teóricos que podem dar conta da realização do progresso da humanidade através da sistematização do conhecimento. Alcançar-se-ia então um futuro melhor dentro de uma visão linear e progressiva da história, mesmo que este otimismo tenha sido seriamente arranhado com algumas máculas: guerras mundiais, holocausto, bombas atômicas, stalinismo, desequilíbrios ambientais, etc.

A Modernidade se constituiu como um conjunto de mudanças através das quais o feudalismo foi deslocando-se para um sistema capitalista de troca e produção. Uma série de inovações técnicas foram inventadas nesse período, como a imprensa e a codificação de informações. Transformações políticas aconteceram, implicando na formação de estados-nações regularmente centralizados e com uma configuração delimitada de administração e tributação. São o incremento das comunidades imaginadas, pelas quais se refere Benedict Anderson, e da construção das identidades nacionais, ou da emergência do uso legítimo da força pelo soberano, dentro de um determinado território (THOMPSON, 2013). A multiplicidade desses efeitos implicou uma nova rede de atividades alargadas aos eixos da economia, da sociedade, da política e da cultura.

A Modernidade abarca um projeto emancipador, cuja centralidade reside no movimento de racionalizar a vida social nas cidades, por meio de um estímulo ao individualismo e a autonomia. Canclini (2013), sintetiza os movimentos básicos constituintes da era moderna através do que chama de projeto básico, que se desenrola através de quatro eixos/subprojetos. A Modernidade instituiu um projeto expansionista, no momento em que ativa potencialidades para impulsionar o conhecimento sobre a natureza e a sociedade, o que é representado pelas “descobertas científicas”. Isso é feito em cima da melhor produção, circulação e consumo de bens materiais e imateriais, que constituem a base da expansão do capitalismo em vista do aumento da lucratividade.

Canclini (2013), aponta também, um projeto renovador, uma incessante cultura da inovação e aperfeiçoamento de produções diversas, da ciência à indústria, da arte ao espaço. É necessário reformular de tempos em tempos os pilares societários, para que a seta do consumo não seja estagnada ou mude de direção. Por fim, o que serve como argumento aos três movimentos anteriores é um projeto democratizador, entronizado pela ideia de que os pressupostos catalisadores da Modernidade levariam à humanidade às mais altas evoluções morais e racionais. Essa premissa está presente na maior parte dos programas científicos, nas fundações a serem criadas, na reforma dos sistemas educativos e até mesmo na diversidade das políticas ideológicas governamentais ao longo dos últimos séculos, quer sejam elas as liberais, as socialistas, as associações independentes e não-alinhadas, o terceiro setor, etc.

Associadas, essas ideias constituem a complexidade que é a concepção da Modernidade, instituindo, de acordo com Canclini (2013, p. 33), “[...] um regime estruturado por suas questões específicas – o conhecimento, a justiça, o gosto – e regido por instâncias próprias de valor, ou seja, a verdade, a retidão normativa, a autenticidade e a beleza”, surgindo específicas espacialidades e temporalidades como interpretações estanques.

A crise da Modernidade e o alarde em favor da necessidade de novas maneiras de perceber/ler o mundo, também acaba por respingar teoricamente nas posturas caras para a esquerda, como aquelas de raiz marxista. É oportuno que se faça uma breve consideração sobre o Manifesto Comunista de Marx para verificar uma das versões ideológicas modernas, uma meta-narrativa. A teoria marxiana pode ser considerada finalista no sentido de que seria através da luta de classes, o motor da história deste, o surgimento da propriedade privada, que os sucessivos modos de produção surgem e sobrepõem aos antigos. E seria o capitalismo, o estágio da humanidade que iria criar todas as condições materiais para um futuro comunista, que emergiria de um processo revolucionário como resposta dos proletários às contradições do capitalismo levadas às últimas consequências.

Detecta-se então, o reconhecimento de Marx sobre a importância da racionalidade iluminista concretizada pela burguesia, que então cumpria a sua “missão histórica” de potencializar as forças produtivas, livrando o mundo da impossibilidade da não superação da escassez. Mas é interessante notar que entre os projetos modernos, o de Marx, é o mais ousado e notoriamente distintivo. Talvez seja este o motivo pelo qual o intelectual alemão tenha tido, direta ou indireta, uma influência sobre a humanidade que só pode ser comparada a de Jesus Cristo e Maomé (SINGER, 1980). Esta ousadia e distinção se faz notar na recorrência a práxis revolucionária como a grande expressão da superação da utopia romântica, ao propor uma ciência materialista para emancipar a categoria trabalhadora por meio da luta de classes.

Ainda no sentido das metanarrativas, a Modernidade vislumbra explicar o mundo através de modelos abstratos, de representações permeadas por leituras homogeneizantes, balizadas pela razão e pelo uso sistemático da Ciência. É uma luta incansável pela dominação do futuro através de ferramentas, como o planejamento racional, a institucionalização de sistemas racionais de regulação, relação e controle social. É a razão, na concepção modernista, que decidirá sobre o progresso, a justiça social e o bom desempenho organizacional da sociedade na busca do domínio dos condicionantes da escassez dos imperativos naturais. É ela que possibilitará a felicidade humana e será capaz de produzir, com o auxílio da Ciência, a verdade. Segundo Bauman (1999), ainda que outros conceitos-chave da Modernidade sejam os de civilização, desenvolvimento, consenso e universalização: Eva teria espaço para existir na pós-modernidade?

A pós-modernidade combate essa forma de pensamento, relegando mais importância aos pequenos relatos (e às perspectivas autonomistas), fazendo emergir narrativas mais específicas ligadas aos pequenos agrupamentos (as tribos e mesmo os movimentos sociais), que se fazem existir no meio de laços religiosos, esportivos, culturais, musicais, de gênero, de etnia, de trabalho, etc. É uma busca de delegação de autenticidade para outras vozes, fragmentárias. Todas aquelas leis gerais que fornecem explicações universais são postas de lado pelo propósito de valorização das diversas manifestações sociais e culturais, até então reprimidas pelo ideal modernista, que acabou por se mostrar totalitário diante da heterogeneidade (SILVA, 2003). Com efeito, para os pós-modernistas não existiria a história da humanidade, e sim, histórias que podem ser tão numerosas quanto o número de indivíduos do planeta.

Na pós-modernidade o que impera é a busca do gozo em detrimento do dever. Não estaria aqui, portanto, a oportunidade de reciclagem da cultura capitalista na maneira de produzir? Isso pode ser vislumbrado em dois sentidos axiais: a promoção/reforço do consumismo desenfreado através da manipulação da imagem que produz associações entre a mercadoria capita-

lista e um estilo de vida mostrado como libertador para cada indivíduo. E não somente isso: diante da instabilidade do capitalismo, na sua etapa globalizada, as concentrações se acentuam, o que torna o mercado mais restrito. Neste sentido a criação de produtos cada vez mais personalizados, através das tecnologias multifuncionais, bem como as obsolescências planejada e perceptiva (fábrica de insatisfação com aquilo que se tem e desejo com aquilo que está por vir), passam a ser fundamentais ao capital. Imaginem a maçã da Eva na pós-modernidade, ela teria várias cores, produtos de diferentes usos, brilhos e até *mouses* com maçã mordida, imitando o símbolo de Nova Iorque.

É na esteira desta sociedade que se instalam novas patologias e a banalização da vida: depressão, anorexia, bulimia, compulsões, transtorno de pânico e as violências praticadas em nome do vale-tudo para a satisfação pessoal.

Tempo e espaço: categorias-chave para entender a pós-modernidade

A crise da modernidade nos convida a reflexões sobre concepções, como as de nação, civilização, conhecimento, dinheiro, trabalho, Estado, linguagem, espaço, tempo, etc. No entanto, focaremos nas duas últimas.

Harvey (1993), traz uma feliz elucidação referente às categorias de tempo e espaço. Para ele, espaço e tempo possuem tantos significados quanto formações socioespaciais que existem sobre a face deste planeta. Cada concepção espaço-temporal é forjada em meio à prática cotidiana de reprodução social, onde o homem busca vencer constantemente suas fragilidades, constituindo assim, verdadeiros complexos civilizacionais, cada qual com suas percepções de tempo e espaço, que também se alteram. Mesmo para os indivíduos existe uma pluralidade de vislumbres, cujo suporte encontra-se na subjetividade de cada ser. O espaço e o tempo para uns pode ter conotações negativas ou opressivas, enquanto que para outros não.

Não se trata de uma recusa das definições objetivas de tempo e espaço, mas sabemos o quanto essas categorias foram essenciais para o exercício da dominação burguesa, que colocaria a sociedade à serviço do capital. Sabemos da importância do surgimento dos relógios na Baixa Idade Média europeia em meio às necessidades urbanas que afloravam com a pujança comercial. Controlar o tempo já significava controlar o dinheiro. O que é o significado do estabelecimento de um sistema universal de fusos horários senão estabelecer uma coordenação global do tempo a serviço da reprodução do capital? Ou então, o que são todas aquelas táticas extra e intrafábrica, realizadas pelos executivos das empresas na organização espacial? Basta lembrarmos da enorme importância dos mapas na era do primeiro grande impulso de ampliação dos horizontes geográficos gerado pelas grandes navegações, ou então, a racio-

nalização dos fluxos empreendida por Taylor e Ford, quando o Capitalismo Financeiro dava seus primeiros passos de gigante.

A busca pela aceleração do tempo de giro do capital, intrínseca à sua própria razão de existir, trouxe ao mundo uma série de inovações de superação espaço-temporal. As revoluções informacionais e a transição para regimes flexíveis de acumulação nos envolvem em meio a mudanças organizacionais, simultaneidade e aceleração dos ritmos cotidianos. Trata-se de um imperativo para a própria crise de reprodução de capital neste final de século, onde a produção de mercadorias/serviços pouco duráveis (obsolescência planejada), e a cada instante mais “inovada” (obsolescência perceptiva), juntam-se à exploração de novos nichos ligados à estéticas materiais e simbólicas, que passam a ter seus valores ou duração, corroídos num piscar de olhos.

Nos termos mais filosóficos da pós-modernidade, chama-se atenção para as intertextualidades, contrárias ao darwinismo social que enxergava as diferenças através das lentes de referenciais hierárquicos (SILVA, 2003). Os pós-modernos refutam esta visão. Os códigos temporais pós-modernos catapultam para o caótico, o descontínuo e o efêmero, não conseguem ver aplicação das palavras ordem, linearidade e eternidade sobre a categoria tempo. A História passa a não ser mais encarada como dotada de direção evolutiva, pelo contrário: se faz na pluralidade de histórias que, se tomadas em conjunto, possuem referência em um ponto. A preocupação passa a ser o instantâneo. Isso nos remete a outras questões relacionadas ao tempo. Se na Modernidade o tempo é visto como tendo uma conotação fortemente pedagógica, isto é, se traz a ideia de que é olhando para trás, para os processos históricos, que poderíamos retirar os aprendizados para o presente e o futuro, a pós-modernidade situa o tempo como uma categoria do presente: hoje temos numerosas qualidades de maçãs. Suculentas, com mais ou menos celulose, mais ou menos ácidas... Pobre Eva, não poderia escolher, provavelmente, que maçã morder!

É muito pertinente que aqui se faça uma relação com o hedonismo que a pós-modernidade aflora. Com a ênfase na produção de mercadorias e serviços instantâneos e descartáveis, não nos surpreende que aos poucos se estabeleça na mente das pessoas, o desapego à estabilidade. Se as relações do homem com o tempo fornecem os dispositivos que lhe orientam na sociedade, podemos colocar que vivemos em uma sociedade de momentos. Busca-se o benefício a curto prazo, revelando um distanciamento entre a ética do esforço e a realização dos desejos. Podemos tecer algumas considerações sobre esta questão. Uma delas é a própria negação da ideia de projeto, de planejamento. E isso passa a acontecer não somente porque o presente ganha uma importância gigantesca, mas também pelo fato de as incertezas e o imprevisível estarem corroendo as noções de projeção. Diante destas novas atribuições ao tempo, principalmente em referência ao incerto e ao efêmero, que dilaceram o enten-

dimento dos efeitos práticos do planejamento, podemos ainda ousar colocar que isso traz implicações em diferentes níveis da sociedade.

No nível mais individual é nítida a percepção de medo e insegurança das pessoas diante do futuro. Esse medo direciona a subjetividade à necessidade de garantia de alguma “segurança” na nébula daquilo que está por vir. Neste sentido, parece coincidência a proliferação de igrejas neopentecostais abarrotadas de gente em horários de culto? É bom que lembremos: o Neopentecostalismo difere-se do Pentecostalismo por pregar, em meio a uma sociedade dualista (coisas de Deus ou do Diabo), a prosperidade, já que esta é o sinal mais claro e glorificante da proximidade com Deus.

Em níveis empresariais, a volatilidade cancela o planejamento a longo prazo, e aí residiria a preocupação capitalista na aceleração de giro do capital, bem como métodos de espoliação global através dos circuitos financeiros hipertrofiados. Tratam-se de táticas de saque generalizado que em nada devem à rapina praticada no Colonialismo, iniciado no século XVI. É justamente diante deste horizonte inseguro que as empresas, por exemplo, investem mais em propaganda. Não se trata somente da simples criação da imagem para além da mercadoria que quer se vender. É isso, mas não somente isso. A imagem da propaganda deve construir noções associativas com tal marca como “respeitabilidade”, “qualidade”, “prestígio”, “confiabilidade” e “inovação” (HARVEY, 1993, p. 260). E mais: deve gerar constantes insatisfações com aquilo que se tem por meio da apresentação daquilo que está por vir. Assim, o consumidor torna-se um “acumulador de sensações” (BAUMAN, 1999, p. 91).

No âmbito das relações entre os seres humanos, a subjetividade dos indivíduos fica cada vez a mais à mercê da temeridade. Trata-se de uma sensação que reluta na própria ideia de solidão, mas que paradoxalmente, evita o estabelecimento de vínculos estáveis que possam impedir uma disponibilidade do indivíduo a novas experiências e oportunidades. Desse modo, a coletividade parece diluir-se na concepção de ineficiência na busca pelas satisfações. É então que se configuram redes relacionais de momento, efêmeras e isentas de qualquer compromisso.

Existe ou não um espaço pós-moderno?

Tomando aqui como ponto de partida a análise espacial de David Harvey, sob uma ótica mais econômica, consideramos inicialmente os ajustes espaciais implantados com a revolução técnica-científica-informacional, sendo instituídos como resposta à crise de acumulação durante a década de 1970. O conjunto de inovações técnicas de mobilidade e gestão desse contexto concretizou a ofensiva do capital sobre o trabalho, fazendo emergir uma forma de acumulação flexível. Tal ofensiva não só oxigenou as possibilidades

do capital naquele momento, como permitiu às burguesias (originárias dos centros do Capitalismo mundial) uma recuperação generosa dos seus lucros durante as décadas.

Em realidade, as inovações do contexto colocado, ainda em desenvolvimento, fazem parte “do processo de aniquilação do espaço por meio do tempo que sempre esteve no centro da dinâmica capitalista” (HARVEY, 1993, p. 264), ou então, é o que Bauman (1999) chama de a “grande guerra de independência em relação ao espaço”. Os territórios modernos, areolares por excelência, passam então cada vez mais a dividir/disputar espaço, com uma configuração territorial nova: as redes. Percebe-se agora uma nova forma de configuração do espaço, operada pela descontinuidade dos territórios-zona que estão ligados através de um território-rede. Trata-se nitidamente de uma fragmentação.

Porém, a realidade reticular parece estar de fato implodindo o mundo com a derrubada de barreiras espaciais, através da tecnologia de informação. Isso confere ao capital a desnecessidade de reconhecimento espacial e temporal, posto que suas transações ocorrem em tempo real. Mas os efeitos da globalização (aqui entendida para além de expressões simplórias como “aldeia global”) são geograficamente homogêneos e homogeneizantes? Qualquer olhar sinaliza uma resposta negativa. As conexões das redes estão longe da universalização e sequer logram dissipar as exclusões já existentes. Os usos do espaço não somente são diversificados, como também indicam a diferenciação entre aqueles que os utilizam. A mobilidade sobre o espaço é extremamente diferenciadora, tal como a sua velocidade. Muitos, neste mundo pretensamente global, estão fisicamente presos às restritas porções espaciais do local, embora grande parte deste, seja alvo passivo do bombardeio de imagens de todo o mundo disponibilizadas pelas tecnologias da informação. Mesmo neste sentido, a propósito, há a assimetria.

Note-se aqui que a distância, “longe de ser um dado objetivo, impessoal e físico, é um produto social” (BAUMAN, 1999, p. 19). Cabe somente aos integrantes das burguesias, o luxo de esnober as fricções espaciais e comportarem-se como “turistas”, que vivem no tempo e movem-se por prazer ou possibilidades racionais. Já os “vagabundos” de Bauman (1999), isto é, os refugos indesejáveis, movem-se por que são empurrados pela falta de opções suportáveis. Trata-se, no entanto, de uma mobilidade que não raro mostra seus obstáculos, haja vista, as leis de imigração ou nacionalidade. Eis a perversidade da globalização: sua seletividade engajada com libertação do capital.

Mas esta aniquilação espaço-temporal tem muitos desdobramentos. Em termos sociais, a culinária mundial, por exemplo, pode estar em qualquer prato situado em um dos nós globais. Trata-se de um simulacro que disponibiliza no local um conjunto de configurações espaciais do mundo inteiro, ou seja, aqueles aspectos visíveis que geram a satisfação no ato de consumir,

pois se tratam de mercadorias. Não interessa aos consumidores saberem a forma pela qual aquelas mercadorias que fluem pelo mundo são produzidas, ou melhor, permanecem ignorantes àquilo que fornece as configurações espaciais. O cinema e a música cumprem um papel similar. Neste sentido, o turismo, um mercado em explosão, pode fazer deste simulacro algo mais real quando, aliado a uma boa propaganda baseada na propulsão de estereótipos locais, imagens-fantasia seriam criadas (HARVEY, 1993, p. 271).

O espaço geográfico, na medida em que tem as suas dimensões cartesianas superadas, confere aos detentores do capital ampla vantagem, já que estão menos presos aos condicionantes territoriais. Sendo assim, os poderes líquidos do capital rumam em direção a uma liberdade quase sem limites, o que representa um risco para aqueles que estão presos ao local, como também para as fronteiras territoriais do Estado, erodidas pelos monopólios transnacionais. E este mesmo Estado, quando devidamente cooptado, não desaparece ou se minimiza como propagam alguns, mas sim, se (re)funcionaliza, limpando os possíveis caminhos espinhosos para o capital.

A desterritorialização, para uma posterior territorialização mais lucrativa, é um grande trunfo na luta de classes atual, pois vivemos um momento de concorrência ainda mais acirrada. A dispersão espacial (dispersão concentrada, como é obvio no capitalismo) de plantas industriais mundo afora é testemunha deste processo, e o Brasil, não foge à regra. Porém, em meio àquilo que possa nos remeter a uma realidade espacial abstrata, existem sim ações locais ou estatais que podem dotar seus territórios de trunfos importantes para atrair ou não o capital desejoso de autorreprodução: eis as guerras espaciais que podem assumir diversas formas, dentre elas a guerra fiscal. Resultado: “produção da fragmentação, da insegurança e do desenvolvimento desigual efêmero no interior de uma economia de fluxos de capital de espaço global altamente unificado” (HARVEY, 1993, p. 267).

Há ainda que se considerar, a não menos importante desmaterialização da moeda, que conferiu ao capital uma excelente oportunidade de buscar sua reprodução ampliada sem percorrer bases materiais. Esse processo forneceu aos capitalistas tanto um notório poder frente às contingências espaciais, quanto os tornou cada vez mais instáveis e vulneráveis. Mas ao menos por enquanto a experiência parasitária do capital financeiro, que se aproveita das possibilidades de rejeitar a produção, não somente tem como *input* capitais originários na esfera material, como também não está imune às crises originárias justamente por suas características antimateriais.

Últimas reflexões sem ter finalizado: e se a Eva estivesse de dieta?

A tradição moderna fincou sua estaca inteligível tanto num significado quanto numa direção que seriam unitárias. Imbricados, formaram uma sólida ideia, alavancada pela cultura ocidental, segundo a qual, se considerava como o “[...] nível mais evolutivo alcançado pela humanidade em geral e, baseado nisso, sentia-se chamada (???) a civilizar, mesmo a colonizar, converter, submeter todos os povos com os quais entrava em contato” (VATTIMO, 2003, p. 49). Nesse sentido, prevalecia o raciocínio de que as ações históricas caminhavam num sentido progressivo, guiado pela razão providencial, através da qual se poderia chegar à última das perfeições.

Desse modo, acabamos por atracar no porto da dicotomia entre um passado arcaico e estável, e um futuro racional e evoluído. Assim, foi sendo empreendida a noção de ruptura, que demarcava o tempo através de uma série regular de datas, graças ao qual, os acontecimentos são imaginados sucessivamente, do atraso ao progresso. Não por acaso, a lógica dual do estático e do dinâmico, do atraso e do progresso, da conservação e da evolução, são linhas que nos acompanham nas práticas sociais até os dias atuais, o que levou Latour (1994, p. 41) a afirmar que “quem nunca sentiu vibrar dentro de si esta dupla potência, ou quem nunca foi obstinado pela distinção entre o racional e o irracional, entre falsos saberes e verdadeiras ciências, jamais foi moderno”.

Este breve texto serviu como uma reflexão assumidamente introdutória para sinalizar que, talvez, tenha passado da hora de desconfiarmos de algumas prerrogativas centenárias, na maneira de interpretar o espaço geográfico. A contemporaneidade vem sendo bem mais complexa do que as categorias do Iluminismo pareciam supor. Defensor de um projeto de realização humana, o planejamento moderno criou e recriou um mesmo modelo que, embora pintado com tinturas diversificadas, calca-se na mesma ideia de homem racional, científico, livre e autônomo, que o Iluminismo tanto se esforçou para alavancar. Infelizmente, com a crise da sociedade atual, em meio ao Capitalismo flexível, trata-se de um indivíduo, cujos limites estão bem evidentes.

Ainda vale destacar que um cenário de incerteza nos traria, entretanto, novas possibilidades investigativas. Outras maneiras de viver a vida, e no revelaria ainda, que não existem apenas maçãs. Se nos vêm sendo retiradas as promessas da Modernidade, também não podemos esquecer que elas nos empunhavam grandes responsabilidades. Naufragadas, o futuro é um terreno aberto de imprevisíveis consequências, mas emocionadamente tenso. Com efeito, a pretensão à totalidade instituiu um finalismo por vezes asfíxiante que, sob a égide da vontade de democracia, de igualdade, de desenvolvimento, de liberdade e de cidadania, endividou-nos com algo que não encomendamos,

mas do qual somos tributários. E isso, de fato, influenciou intensamente as maneiras através das quais passamos a experimentar o espaço e o tempo, e a constituir novas e infinitas espacialidades e temporalidades. Quem sabe, talvez pela primeira vez em muito tempo, somos simultaneamente bem mais e bem menos livres do que imaginássemos ser. Cabe investigar ainda mais a emergência dessa descontinuada sociedade para entender realmente o valor de comer uma maçã.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as Conseqüências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BATISTA, Bruno Nunes; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A Geografia do Mal: um Arquivo à Sombra do Denuncismo**. Revista de Geografia (Recife), Recife, v. 35, n. 1, 2018.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação Intercultural e Pós-modernidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2003.

SINGER, Peter. **Marx**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VATTIMO, Gianni. A Filosofia e o Declínio do Ocidente. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.